

ESCAVAÇÕES NO PENEDO DO LEXIM

(Mafra) / 1975

Notícia preliminar

José Morais Arnaud

De 1 a 15 de Setembro de 1975 e em vários dias da segunda quinzena de Setembro e de Outubro do mesmo ano, totalizando vinte dias de trabalho útil, efectuaram-se as primeiras escavações sistemáticas na fortificação pré-histórica do Penedo do Lexim, com a participação de um total de 30 alunos do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, matriculados na cadeira de Técnica e Prática Arqueológica, regida pelo signatário, a maior parte dos quais contactavam pela primeira vez com uma escavação arqueológica.

Os trabalhos foram subsidiados pelo Fundo de Fomento Cultural¹ e pelo Instituto de Arqueologia já referido, e tiveram uma finalidade essencialmente didáctica, procurando-se ministrar todos os conhecimentos basilares de técnicas de escavação, registo e desenho de estruturas e estratificações, tendo-se verificado que quase todos ficaram aptos a realizar cabalmente as referidas tarefas, o que nos parece de grande importância num país em que mesmo investigadores com responsabilidades continuam a «escavar» com tal desprezo pelo registo rigoroso dos achados e pelo desenho de plantas e perfis.

No entanto, apesar de se tratar de uma escavação essencialmente didáctica, e simultaneamente de emergência, pois a estação, temporariamente liberta da pedreira, continua a ser um dos alvos predilectos dos escavadores clandestinos, conseguiram-se obter alguns dados de natureza científica que reputamos de grande interesse para o conhecimento das primeiras sociedades de metalurgistas que habitaram o litoral estremenho.

Numa breve sondagem de emergência efectuada em 1970² quando se encontrava ainda em funcionamento uma pedreira de amplitude reduzida, que mesmo assim destruiu uma parte considerável da estação³, tinham sido identificados dois estratos fundamentais de ocupação, um dos quais, o estrato C, foi atribuído aos construtores de megálitos do Neolítico Final,

e datado entre 2750 e 2500 a.C., enquanto o outro, o estrato B, era atribuído aos primeiros metalurgistas e prospectores de metais provavelmente originários do Mediterrâneo central ou oriental, os presumíveis construtores das fortificações de Vila Nova de S. Pedro e do Zambujal, num período pré-campaniforme, datado entre 2500-2250 a.C.⁴

Nesta campanha de escavações (dirigida só pelo signatário, com o acordo dos restantes membros da equipa que iniciara o estudo do Penedo do Lexim, que entretanto se tinham desinteressado desta estação) devido à sua maior amplitude, ainda que não tão ampla como desejaríamos, devido a condicionamentos de vária ordem, verificou-se que, embora se confirmassem em alguns aspectos as ideias expostas em 1971 sobre a estação, se obteve uma perspectiva global consideravelmente diversa. Porém, tal perspectiva, longe de resolver os problemas e as dúvidas resultantes da primeira sondagem, vem pelo contrário mostrar a complexidade desta estação e ao mesmo tempo reforçar a sua importância.

Porém, antes de fazermos uma síntese dos nossos conhecimentos, à luz não só das escavações efectuadas em 1975 como também a luz de outros elementos entretanto obtidos, vejamos sumariamente o que se observou em cada sector.

A escavação foi iniciada junto ao corte aberto pela pedreira e pelos escavadores clandestinos na extremidade setentrional da plataforma média, no prolongamento da área onde se efectuara a primeira sondagem, que entretanto já tinha sido removida.

Marcaram-se dois «quadrados» — A e B — de 5 m de lado, deixando 0,5 m para cada lado como testemunho, orientados no sentido N-S / E-W, aliás de acordo com a orientação natural da plataforma, cujos lados setentrionais, parte dos ocidentais e mesmo orientais tinham já sido removidos, a fim de numa futura escavação se poder mais facilmente normalizar as unidades de área de escavação.

Quadrado A

Neste sector atingiu-se a profundidade máxima de 1,40 m, sem que porém se tivesse ainda chegado à rocha-mãe, que deverá surgir uns 0,20 m a 0,40 m mais abaixo, a julgar pela observação do corte da pedreira.

1 Cumpre-nos agradecer ao Sr. Dr. António Nunes de Oliveira o apoio dado a esta campanha, sem o qual não se teria realizado.

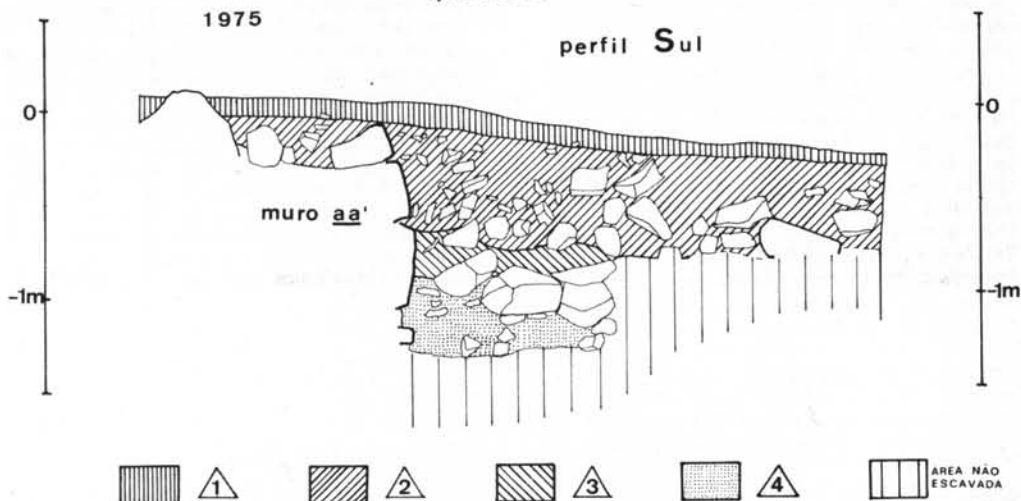
2 ARNAUD, J. M., V. S. OLIVEIRA e V. O. JORGE, 1971 — O povoado fortificado neo- e eneolítico do Penedo do Lexim (Mafra) — campanha preliminar de escavações, 1970, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. V, pp. 97-131.

3 Apesar de esta primeira pedreira ter deixado de funcionar em 1973, instalou-se então no mesmo local uma outra, de grande potência, fortemente apoiada pela administração local, que destruiu já mais de um quarto de todo o cabeço, e que continuou a funcionar, pelo menos até Maio de 1977, apesar de o local ter sido considerado Parque Natural, por decreto do Ministro do Equipamento Social e Ambiente, em Fevereiro de 1975.

4 ARNAUD, OLIVEIRA e JORGE, 1971, pp. 125-131.

1975

perfil Sul



Logo a uns 0,20 m surgiu no topo oriental um muro orientado no sentido N-S, atravessando todo o quadrado, constituído por blocos de basalto de dimensão variável, sem qualquer argamassa. No prosseguimento da escavação verificou-se que este muro tinha mais de 1,40 m de altura, devendo assentar directamente na rocha, correspondendo ao início da ocupação do local. Julgamos até que devia prolongar-se por toda a plataforma média, com a finalidade de sustentar as terras e pedras vindas da plataforma superior, e de criar uma plataforma habitável.

A estratigrafia observada foi a seguinte:

Estrato 1, constituído por terra negra, humosa, com espólio escasso e característico, tendo 0,10 a 0,20 m de espessura.

Estrato 2, constituído por terra castanha-escura, muito compacta e pedregosa, com 0,50 a 0,60 m de espessura, contendo inúmeros fragmentos de cerâmica sem qualquer decoração, por vezes com perfurações de suspensão, e de «queijeiras» e vários fragmentos de cerâmica decorada com incisões horizontais paralelas ou onduladas junto ao bordo de vasos hemisféricos ou esferoidais, de potes com caneluras fundas, tipo «Chibanes», ou com «folha de acácia» impressa, comuns aos estratos calcolíticos pré-campâniformes do litoral estremenho. Destaque-se porém parte de um «copo» tipo Vila Nova de S. Pedro I, com caneluras oblíquas entre verticais. Quanto aos utensílios líticos refiram-se várias lâminas ovóides e lamelas de sílex, e uma enxó de anfibolito. Note-se também a estranha existência neste nível de grande quantidade de telha esbranquiçada ou ver-

melha, de época desconhecida; certamente corresponde a uma das reocupações que este local sofreu.

Estrato 3, constituído por terra castanha-clara, arenosa, com 0,20 a 0,30 m de espessura, contendo um espólio já com características acentuadamente diversas do anterior, sem «folha de acácia» nem caneluras largas e fundas, mas com «copos» e um fragmentos de taça decorada com caneluras no interior. No entanto, o tipo de cerâmica mais abundante são os já referidos vasos decorados com finas incisões, que caracterizam sobretudo o estrato 4, como veremos. Note-se porém a ocorrência neste estrato da maior parte das pontas de seta encontradas, todas de base côncava.

Estrato 4, constituído por terra esbranquiçada, arenosa, com pelo menos 0,50 m de espessura, embora, como já se disse, não se tenha ainda atingido a sua base; é sem dúvida o mais antigo e importante deste povoado fortificado. O espólio recolhido é constituído por grande quantidade de ossos de animais, sobretudo de bovídeos, que aguardam um estudo sistemático, e por numerosos fragmentos de cerâmica de vários tipos, entre os quais se destacam os decorados com caneluras horizontais simples, ou combinadas com ziguezagues (fig. 1.4), embora predominem os decorados com as já referidas incisões lineares simples (fig. 1.1), com hemicírculos concêntricos acoplados (fig. 1.2), ou ainda onduladas, horizontais ou verticais (fig. 1.3). Encontram-se ainda incisões «espinhadas» verticais (fig. 1, 5), embora mais raramente. No entanto, as peças de cerâmica mais importantes encontradas neste estrato são os

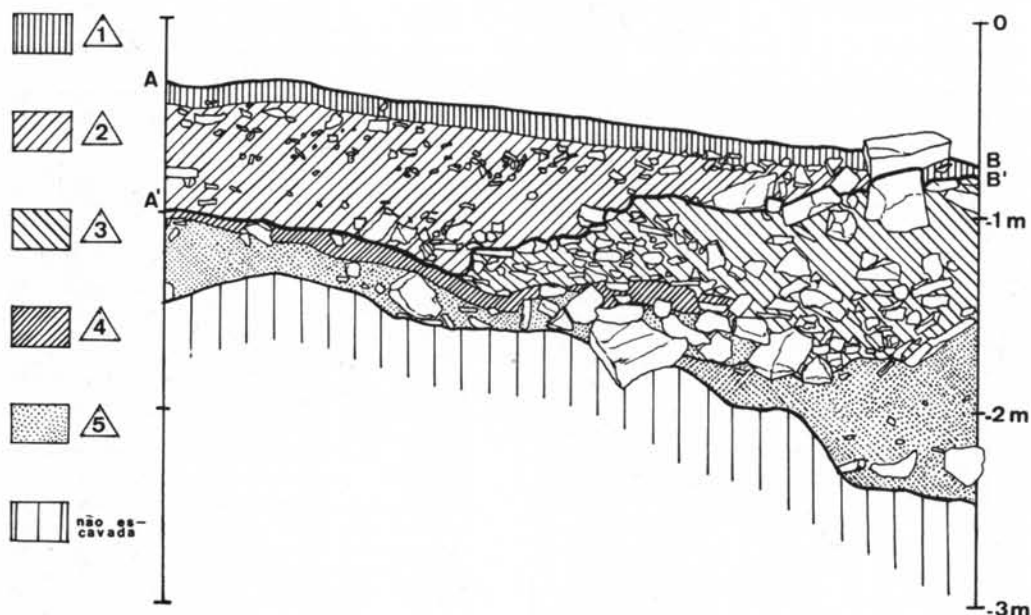
estranhos objectos que têm sido designados, não menos estranhamente, por «ídolos de cornos», «pés-de-fogareiros» ou «suportes de espetos», e que são característicos das primeiras fases de ocupação de Vila Nova de S. Pedro⁵, não tendo, tanto quanto sabemos, sido encontrados noutras estações calcolíticas do litoral estremenho ou em qualquer outra parte. E que respeita ao espólio lítico assinalam-se pontas de seta rudimentares e lâminas ovóides retocadas bifacialmente, e quanto a utensílios de outras matérias refiram-se alguns furadores de osso. Verifica-se assim neste sector uma sequência cronológica e cultural de amplitude reduzida,

caracterizada pela existência, desde os primeiros níveis de ocupação, de dois tipos fundamentais de recipiente, o vaso hemisférico com decoração incisa junto ao bordo e o «copo» com decoração canelada superficial, tipos esses que perduram até aos últimos níveis de ocupação calcolítica, embora a sua importância vá diminuindo, face à «concorrência» nestes níveis das cerâmicas de folha de acácia impressa e de caneluras largas e fundas, continuando a não aparecer um único fragmento de cerâmica campaniforme, o que parece indicar um período de abandono entre o final do 3.º milénio e o início do 1.º milénio, documentado pelos achados do «quadrado» B.

PENEDO DO LEXIM
1975

quadrado B

perfil Sul



Quadrado B

Neste sector a sucessão estratigráfica mostra-se basicamente semelhante, embora apresentando a «intromissão» de um estrato de

ocupação característico do final da Idade do Bronze / início da Idade do Ferro, integrável na «Cultura de Alpiarça», tal como foi definida recentemente por Gustavo Marques e Migueis Andrade⁶.

5 SAVORY, H. N., 1970 — A section through the innermost rampart of Vila Nova de São Pedro, *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, vol. I, pp. 9-10.

6 MARQUES, G. e ANDRADE, M., 1974 — Aspectos da proto-história do território português, 1 — Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 125-146.

Mas vejamos sumariamente o que se encontrou na escavação, aliás ainda não concluída, deste sector:

Estrato 1, constituído por terra negra, humosa, com 0,10 a 0,15 m de espessura, conteúdo espólio escasso e incaracterístico;

Estrato 2, constituído por terra castanha-escura, compacta e pedregosa, com uma espessura máxima de 0,70 m, contendo, à semelhança do estrato correspondente do quadrado A, telhas de época indefinida, misturadas com cerâmicas de folha de acácia e de caneluras largas e com cerâmicas características da «Cultura de Alpiarça», como os fragmentos de taças carenadas com perfurações verticais sobre a carena (fig. 2, 5) e as pegas mamilares espessas e alongadas (fig. 2, 6), semelhantes aos encontrados num estrato puro do final da Idade do Bronze / início da Idade do Ferro isolado em 1971 na Corôa do Frade, perto de Évora⁷, e no próprio Cabeço dos Moinhos⁸, que fica apenas uns 2 km a noroeste, embora se não tenha ainda encontrado qualquer fragmento com a característica decoração brunida. Note-se ainda que na sondagem efectuada em 1970, numa altura em que ainda se não tinha definido com clareza este horizonte cultural, se tinham encontrado algumas dessas pegas mamilares horizontais de pasta muito grosseira⁹, mas não quaisquer fragmentos de vasos carenados, pelo que essas pegas foram atribuídas provisoriamente ao Neolítico Final, por mera analogia tipológica. Entre 0,20 e 0,30 m surgiu um nível constituído por pequenas pedras dispostas irregularmente, e logo abaixo, na extremidade oeste, surgiu um nível de pedras maiores, com uma inclinação acentuada, que se foi pondo a descoberto de oeste para este, até que, a cerca de 0,70 m da superfície, surgiu um outro estrato, o 4;

Estrato 3, constituído por terra semelhante à do estrato 2, mas separada deste por uma camada de pedras, já referida, e cujo espólio se desconhece, dado que este estrato, embora perfeitamente delimitado, ainda não foi desmontado. De espessura variável entre cerca de 0,20 e 0,90 m, parece assentar, no lado oeste, directamente sobre o estrato 5, e no lado este sobre o estrato 4;

Estrato 4, constituído por terra castanha-clara, arenosa, com cerca de 0,10 a 0,20 m de espessura, que continha, na limitada área já escavada, com pouco mais de 1 m², vários fragmentos de vasos carenados, de superfície

finamente polida, mas sem quaisquer ornatos, e duas argolas metálicas, provavelmente de bronze (fig. 2, 1, 2 e 3), cujo significado cronológico-cultural já foi referido.

Estrato 5, constituído por terra esbranquiçada, arenosa, semelhante à do estrato 4 do quadrado A, e, embora ainda não tenha sido escavado, conterá por certo espólio igualmente semelhante, devendo assentar directamente sobre a rocha, ou sobre uma camada estéril, com características semelhantes, correspondente à desagregação do fundo rochoso. Como já se referiu, o principal problema levantado pela escavação deste sector, apesar de ainda não concluída, é o aparecimento de um nível de ocupação bem definido estratigráfico e tipologicamente, atribuível ao final da Idade do Bronze / início da Idade do Ferro, imediatamente sobreposto ao nível calcolítico inicial, e sobre o qual se formaram camadas contendo espólio predominantemente atribuível ao Calcolítico Avançado pré-campaniforme, misturado com elementos atribuíveis ao Bronze / Ferro, e ainda com grande quantidade de telha de época incerta, mas seguramente moderna.

Provisoriamente, enquanto não for possível completar a escavação deste sector, e escavar os sectores contíguos, de modo a termos uma perspectiva mais ampla desta sucessão estratigráfica, poderemos explicá-la do seguinte modo:

1.º Ocupação inicial do local, durante o Calcolítico Inicial (Estrato 5);

2.º Prolongamento da ocupação já durante o Calcolítico «Avançado»;

3.º Abandono do local antes do aparecimento das cerâmicas campaniformes;

4.º Remoção dos vestígios de ocupação anterior, numa área limitada, por metalurgistas do Bronze/Ferro, que ali se estabeleceram temporariamente (Estrato 4);

5.º Abandono do local pelos metalurgistas do Bronze/Ferro, seguido de um aluimento da face interna da muralha exterior (Estrato 3);

6.º Preenchimento e nivelamento do local, com terras escuras, superficiais, contendo espólio de diversas épocas, depositadas em resultado da acção dos agentes naturais, e provenientes da plataforma superior e das zonas mais altas da plataforma média (Estrato 2), cobrindo assim parte da presumível zona de aluimento da face interna da muralha (Estrato 3).

7 Material ainda inédito, cuja publicação está em preparação. Ver breve notícia em *O Arqueólogo Português*. III série, vol. VI, Lisboa, 1972, p. 314 (Noticiário).

8 VICENTE, E. Prescott e Migueis ANDRADE, 1971 — A estação arqueológica do Cabeço dos Moinhos. Breve Notícia. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Coimbra, 1971, p. 223 e segs.

9 ARNAUD, OLIVEIRA e JORGE, 1971 — pp. 113-5, figs. 5 e 6.

I — DATAÇÕES OBTIDAS PELA TERMOLUMINESCÊNCIA¹⁰

Estrato C, correspondente ao Estrato 4 do quadrado A, e ao Estrato 5 do quadrado B:

N.º do frag.º	Data a.C.	Desvio padrão	Data do contexto, Ref. Lab.
e (ii) 1	2945	+ 440	3055 a.C. (+117, +290,0 oxTL 169 e (ii)
e (ii) 2	3355	+ 370	
e (ii) 3	3210	+ 360	
e (ii) 4	2675	+ 300	
e (ii) 6	3105	+ 350	

Estrato B, correspondente ao Estrato 2 do quadrado A:

e (i) 1	2770	+ 310	2880 a.C. (+132, +280,0 oxTL 169 e (i)
e (i) 3	2725	+ 300	

Confrontando estas datas com as obtidas pelo método do radiocarbono para outras estações, cronológica e culturalmente correspondentes, como o castro do Zambujal, e

o povoado de Los Millares, verifica-se uma estreita correspondência, desde que se utilize uma das calibrações correntes¹¹.

II — ESPÓLIO OSTEOLOGICO E MALACOLÓGICO¹²

<i>Animais domésticos</i>	N.º ossos	%	N.º de indivíduos	%
<i>Bos taurus</i> (boi)	425	23,4	8	11,1
<i>Ovis aries</i> (ovelha)	92		7	
<i>Ovelha ou cabra</i>	572	679	13	23
<i>Capra hircus</i> (cabra)	15		3	
<i>Sus domesticus</i> (porco)	592	32,6	22	30,6
<i>Canis familiaris</i> (cão)	2	0,1	1	1,4
Total de animais domésticos	1698	93,4	54	75,0
<i>Animais selvagens</i>				
<i>Cervus elaphus</i> (cervo)	31	1,7	4	5,6
<i>Bos primigenius</i> (touro)	1	—	1	1,4
<i>Sus scrofa</i> (javali)	9	0,5	1	1,4
<i>Lynx pardina</i> (lince)	1	—	1	1,4
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)	74	4,1	8	11,1
<i>Eliomys quercinus</i> (arganaz)	1	—	1	1,4
<i>Alectoris ruia</i> (galo)	2	0,1	1	1,4
Espinhas de peixe n/ident.	1	—	1	1,4
Total de animais selvagens	120	6,6	18	25,0
Total de ossos identificados	1818			
N.º de ossos não identificados	515			
N.º total de ossos analisados	2333			

10 WHITTLE, E. H. e J. M. ARNAUD, 1975 — Thermoluminescent dating of pottery from Neolithic and Chalcolithic sites in central Portugal, *Archaeometry*, vol. 17, pp. 5-24.

11 Sobre este problema ver a obra de Colin RENFREW, *Before Civilization* London, 1973, ou J. MORAIS ARNAUD, Cronometria do Neolítico e Calcolítico do Sul de Portugal, no seu contexto peninsular, com base na termoluminescência e no radiocarbono, *Revista do Centro de História das Universidades de Lisboa* (no prelo).

12 Elementos extraídos do trabalho das Dr.ªs Angela VON DEN DRIESCH e BARBARA RICHTER, Tierknochenfunde aus Penedo do Lexim, *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 5, München, 1976, pp. 4-143.

Os ossos classificados foram recolhidos por um grupo de amadores de arqueologia de Mafra no corte aberto pela primeira pedra em 1972 e 1973, juntamente com milhares de peças com interesse arqueológico. Entretanto esse grupo desfez-se, como tantos outros, dispersando-se (ou perdendo-se) totalmente o espólio arqueológico principal. No entanto, graças à boa vontade de alguns membros desse grupo, a quem muito agradeço, foi possível classificar este espólio osteológico. Embora não houvesse quaisquer referências estratigráficas, era possível isolar os provenientes pelo menos do estrato mais

antigo, dado que os ossos não tinham sido lavados, e distinguiam-se perfeitamente pela cor da terra, mas a Doutora A. v. d. Driesch preferiu não fazer qualquer distinção. Assim, dado que os estratos superiores têm espólio de várias épocas, embora predominantemente calcolítico, não nos é possível verificar eventuais variações na dieta dos habitantes do Penedo do Lexim. No entanto, é curioso verificar a considerável coincidência entre os espectros alimentares desta fortificação e do castro do Zambujal, no que respeita às espécies domésticas mais correntes, apesar da enorme desproporção das amostras classificadas:

	Penedo do Lexim		Zambujal, cortes 1 e 2	
	N.º ossos	%	N.º ossos	%
Bovídeos	425	25,0	12 290	25,9
Ovi-caprídeos	679	40,0	17 730	37,3
Suídeos	592	34,9	17 412	36,6
Canídeos	2	0,1	96	0,2
<i>Total</i>	1698		47 528	

Identificaram-se ainda conchas dos seguintes moluscos: *Pecten maximus* (13), *Venerupis decussatus* (43), *Ostrea edulis* (4), *Patella vulgata* (3), *Cardium edule* (4), *Mytilus edulis* (4) e *Rumina decollata* (1).

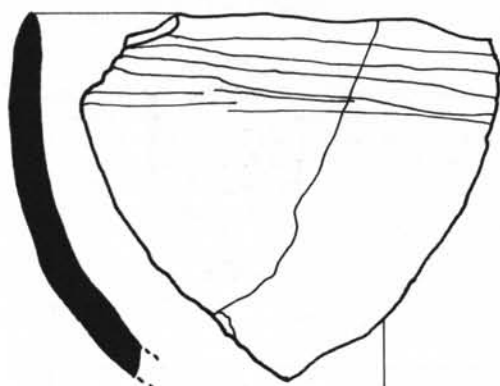
Summary

The author presents a preliminary report of the excavations done on this hill-fort in 1975, with the students of the Institute of Archaeology, University of Lisbon. The stratigraphical

data obtained in 1970 were then shown more clearly. In the lower stratum some clay «idol-spits» and the copos, characteristic of Vila Nova de S. Pedro I, and in the upper ones other kinds of pre-beaker wares were found, as well as a thin layer dating from the late Bronze Age.

It was also discovered a long wall running from N-S, parallel to the rock, built with large prismatic basaltic blocks.

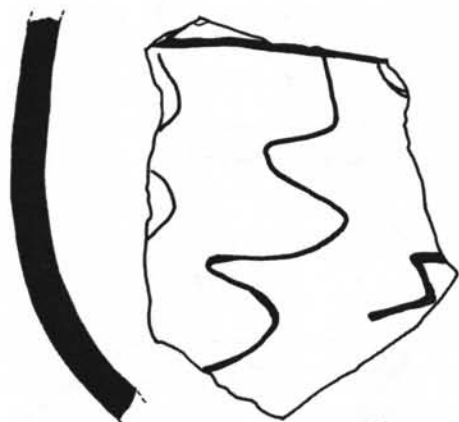
In appendix it is presented a classification of the osteological and malacological evidence collected in the previous years as well as the TL datings obtained for it.



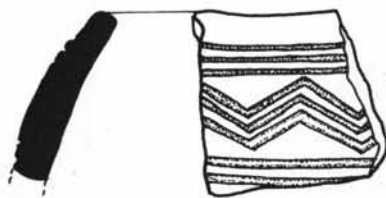
1



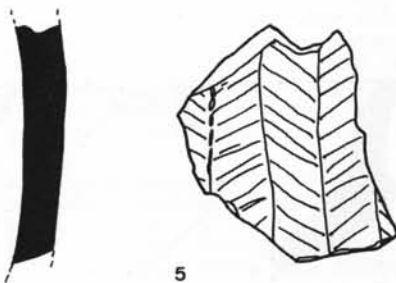
2



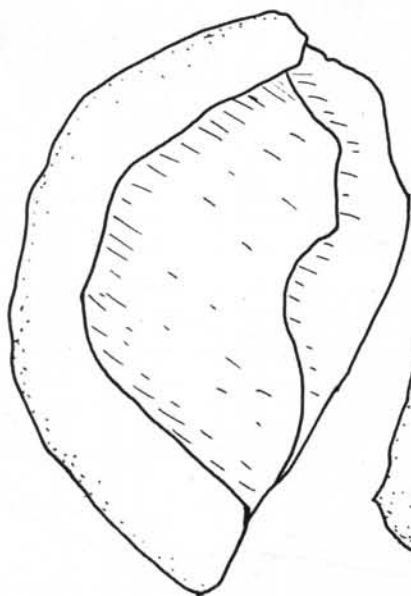
3



4



5



6

Fig. 4

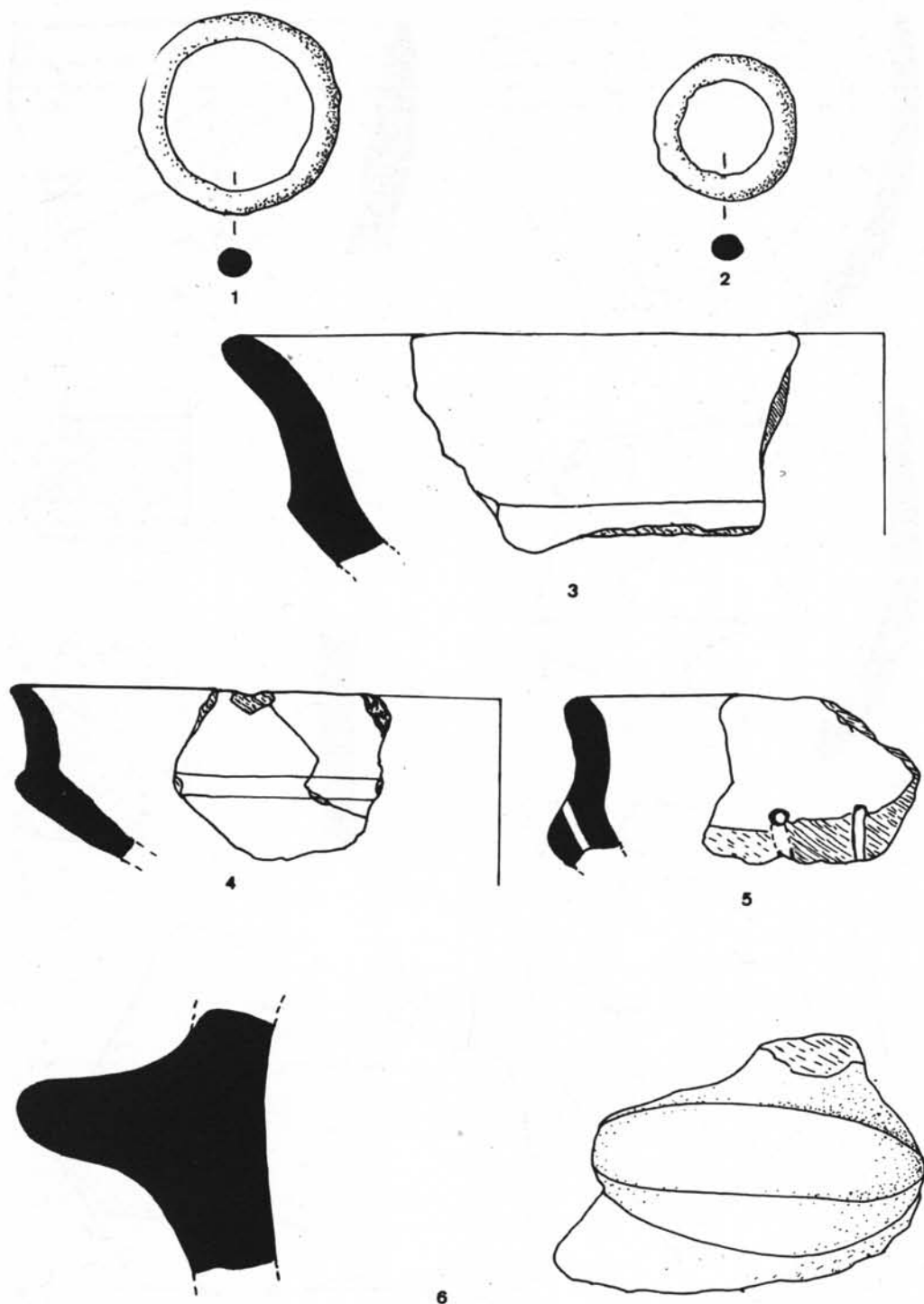


Fig. 5